

SEÇÕES

- 8** Cartas
- 10** Os cinco eleitos
Os programas favoritos da **sãopaulo**
- 11** Prepare-se
Ingressos para as próximas semanas
- 12** Criticidade
O que vai bem e o que vai mal nas ruas
- 16** São Paulo, SP: Mel Lisboa
Atriz fala sobre trabalhar na cracolândia
- 18** Grafite
Curiosidades da cidade com o número 150
- 48** Vitrine
Na onda "O Grande Gatsby", a moda anos 1920

REPORTAGENS

- 22** Arquitetura
Vaquinha para restaurar prédio tombado
- 26** Vintage
Ciclistas reformam "bikes" antigas
- 28** Fofura
Idosa tricota mantas para crianças de rua
- 30** Capa
O declínio do sexo na rua Augusta
- 42** Comportamento
Histórias de amor que começam no metrô

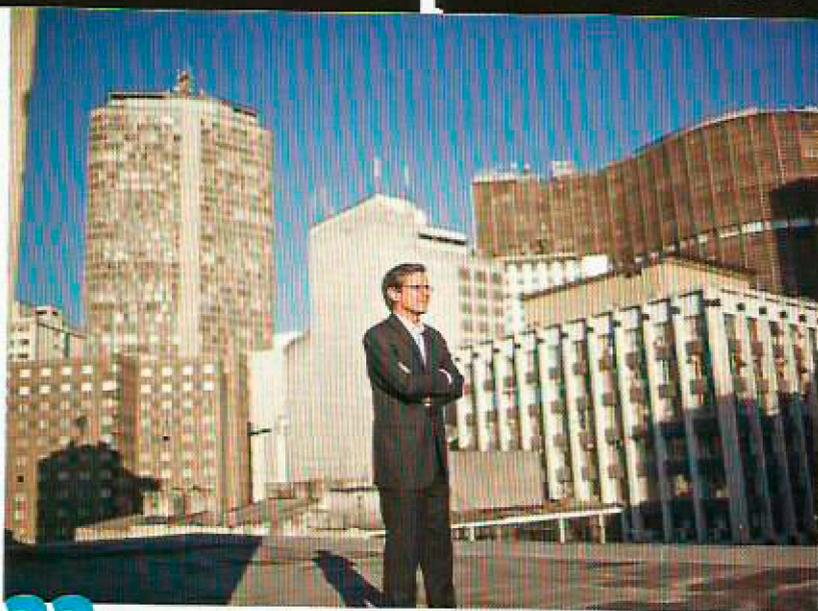
COLUNAS

- 14** Kaos [por Kátia Lessa]
Eduardo Laurino monta chapelaria própria
- 46** À Moda da Casa [por Jeanine Lemos]
Tendências do Casa Cor e da Mostra Black
- 50** Crítica de Loja [por Teté Martinho]
Hoc Die tem bom mix de presentes modernos
- 76** Bichos [por Jaime Spitzcovsky]
Em vez de ensopado, uma heroína
- 92** Fique em casa [por Manuel da Costa Pinto]
As novas edições de "Cândido", de Voltaire
- 98** Vanessa Barbara
Ode ao Sesc

ROTEIRO

- 54** Cinema
- 68** Teatro e dança
- 70** Música
- 72** Exposições
- 74** Criança e passeios
- 79** Quadro gastronômico
- 80** Restaurantes e guloseimas
- 90** Bares e noite
- 95** Classificados

233 opções
de programas na cidade nesta edição



Olga Lysloff/Fotopress

22 arquitetura | José Armênio de Brito Cruz, presidente do IAB-SP



Mariano do Carmo/Fotopress

48
vitrine
Taças de cristal e colar de pérolas



Cris vom Amelio/Fotopress

26
vintage
Ferramentas e peças para reforma de bicicletas retrô



Pérola Lopes/Fotopress

50
crítica de loja
Boneco de madeira da Hoc Die

! **30/jun** Edição especial do terceiro aniversário: **O Melhor de são paulo - Bares & Restaurantes**

MODERNO DE NOVO

Prédio tombado será restaurado com vaquinha

• RICARDO SENRA



Edifício sede do IAB-SP, na rua Bento Freitas, com tapumes e pichado

Pouca gente sabe que pelas ruas Bento Freitas e General Jardim, no Centro, circulavam figuras como Pablo Neruda, Carlos Marighella, Tarsila do Amaral e Oscar Niemeyer.

Mais raros são os que se lembram que o prédio paulista do IAB (Instituto de Arquitetos do Brasil), onde esses ilustres costumavam bater ponto, só foi construído depois de uma vaquinha entre arquitetos modernistas dos anos 1950.

E o que ninguém sabe, ainda, é que um novo financiamento coletivo, seis décadas depois, quer devolver ao edifício o prestígio que ficou no passado.

A partir de hoje, o IAB-SP lança uma vaquinha virtual (crowdfunding) pedindo colaboração de internautas para o restauro de sua sede.

A fachada de vidro está escondida por placas de madeira e andaimes desde 2009 — com problemas de infiltração, a marquise corria o risco de desabar sobre a calçada.

No pacote da reforma, o IAB quer atualizar a estrutura do edifício para atender a necessidades contemporâneas. Novas rampas e elevadores para acessibilidade, redes de computadores, sistemas elétricos e reforma hidráulica são as obras mais urgentes.

“Esses tapumes serão retirados até outubro”, assegura José Armênio de Brito Cruz, 53, atual presidente do IAB-SP. Em entrevista à **sãopaulo**, ele diz que já conseguiu os R\$ 200 mil necessários para reformar a marquise.

A promessa do instituto é a mesma desde pelo menos 2009. Mas não saiu do papel por falta de verba.

Pelo site www.iabsp.org.br, é possível doar a partir de R\$ 25. Com 10 mil associados, a meta do instituto é atingir R\$ 1 milhão até 2014.

O IAB também pretende reabrir o restaurante que funcionou até a década de 1980 no mezanino.

Em 1949, em uma espécie de “crowdfunding analógico”, arquitetos como Rino Levi (um dos responsáveis pelo projeto do prédio) e Gregori Warchavchik (autor da Casa Modernista, na Vila Mariana) precisaram compartilhar economias e pedir dinheiro emprestado para conseguir levantar a sede. A construção foi concluída dois anos depois.

A contrapartida: quem topasse tinha meio caminho andado para garantir um escritório no edifício.

Jazz e dry martini

“Nos áureos tempos, todos os arquitetos trabalhavam no Centro”, lembra Júlio Neves, que foi presidente do Masp por 14 anos. “A gente fazia fila durante o dia para almoçar naquele restaurante. E de noite íamos do mezanino para o subsolo.”

O subsolo atendia pela alcunha de Clubinho dos Artistas. Embalados pela geometria das taças de gim tônica e dry martini, artistas, escritores e, claro, arquitetos viravam noites sob acordes frenéticos de trios de jazz —ou do saxofone de Pixinguinha, que já tocou por lá.

“Os únicos lugares parecidos na época eram o Nick Bar, na [rua] Major Diogo, e o Paribar, na [avenida] São Luis”, afirma Neves.

O restaurante e o inferninho já não existem há tempos. ▶

“ O prédio entrou em decadência porque muitos arquitetos saíram do Centro

JÚLIO NEVES, 80, ARQUITETO



O arquiteto de 84 anos em seu escritório, no prédio da IAB

Tora Vieira/Polispress

Paulo Mendes da Rocha trabalha lá

Leia depoimento do arquiteto sobre o edifício do IAB, no Centro de SP

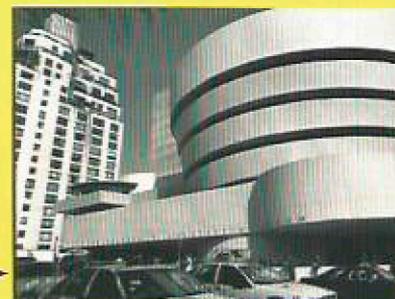
“Todo mundo frequentava o restaurante que existia no mezanino, ao lado do móbil de Calder. A comida era muito boa. O responsável era o chef Xavier, um nordestino muito interessante. Xaxá gostava de ouvir conversas.

Num belo dia, chegamos para comer, e ele ofereceu um ‘melão à Frank Lloyd Wright’ [referência ao arquiteto que projetou o **Guggenheim** de Nova York]. Aceitamos.

Xaxá veio até a mesa, cortou um melão em espiral, puxou um lado para cá, outro para lá, e pronto: tínhamos um ‘Frank’.

Outro dia, ele propôs um ‘pêssego à Niemeyer’. Dois retângulos perfeitos de queijo branco entre duas metades de pêssego em calda, uma virada para cima, outra para baixo. **Voilà: o Congresso Nacional** num prato.

À noite, nos encontrávamos no subsolo. Eu frequentava o Clubinho dos Artistas porque tinha muitos amigos ali —Aldemir Martins, Mário Gruber, Rebolo... A maioria desses artistas doava obras, que logo eram penduradas nas paredes. Era um verdadeiro ‘club’, um ponto de encontro.



Taouf Feres

Vim trabalhar neste prédio há pelo menos 25 anos. Cheguei pelo mesmo motivo que muitos colegas: este é um edifício interessante.

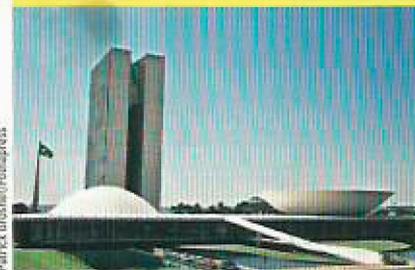
Sua volumetria é marcante, e sua construção é fruto do engajamento de importantes arquitetos, numa iniciativa coletiva, independente do poder público. Mas não era fácil encontrar salas vagas no IAB.

Meu escritório anterior ficava no Conjunto Nacional [na Avenida Paulista com a rua Augusta].

Lá pelas tantas, algo raro aconteceu, alguém vendeu sua sala e eu vim. Hoje, como crônica da cidade, digo que também saí do Conjunto para me livrar dos crachás e roletas.

Arquiteto vira duas, três noites sem dormir fazendo projeto. Eu não queria nem tinha tempo para passar por seguranças, me apresentar, bater cartão.

Quando fui para o IAB, me tornei dono da casa: eu tenho a chave da porta do prédio. Desde então, entro sábado, entro domingo, saio tarde... um ir e vir sem dificuldades.”



Patrick Grosner/Polispress



José Armênio de Brito Cruz, presidente do IAB-SP, quer "trazer o prédio para a contemporaneidade"

Foto: Doga Lyudskoff/Photopress

Mas a estrutura de metal e vidro do prédio guarda alguns detalhes preciosos até hoje. Entre eles, um móbile do artista Alexander Calder, um mural de Ubirajara Ribeiro e composições do arquiteto paisagista Burle Marx.

Hoje intacta, a obra de Calder [veja foto abaixo] já foi sinônimo de dor de cabeça para o instituto. "Na festa da minha posse, com todo mundo já pra lá de Bagdá, uma das "pétalas" do móbile foi roubada", conta o arquiteto Renato Nunes, presidente do IAB paulista entre 1984 e 1985.



Mural de Ubirajara Ribeiro; abaixo, Neruda e Vinicius de Moraes no Clubinho



Claudio Nery/Photopress

"Meses depois recebi um telefonema anônimo dizendo que um dos diretores da instituição o havia roubado", afirma Nunes. O ladrão tinha morrido naquela semana, e a peça foi encontrada na limpeza de seu escritório.

Novos ares

A vizinhança do edifício começou a mudar nos anos 1980, quando os primeiros prostíbulos chegaram e se instalaram na rua Bento de Freitas.

A dois passos da entrada do IAB está a boate La Barca, cuja placa avisa: "Fazemos sua festa". Para Brito Cruz, os vizinhos não são problema. "Essa rua é um retrato bastante atual de São Paulo."

Para fazer a festa de Cruz, serão necessários R\$ 8,6 milhões. Esse é o custo do projeto completo de restauro, incluindo os oito andares, mezanino, subsolo, terraço e obras de arte. A captação de recursos foi aprovada em 2011, via Lei Rouanet, mas o dinheiro não entrou.

O prédio já foi tombado nas instâncias municipal e estadual de patrimônio. Só falta o Iphan.

Segundo o presidente, o crowdfunding será um estímulo para que novos patrocinadores abracem a causa. "Se precisar ir ao Faustão para pedir dinheiro, eu vou." ★

D&G - Arquivo



Vista do mezanino e do móbile de Alexander Calder nos anos 1950